

William David Vieira

Universidade do Estado de
Minas Gerais – UEMG

E-mail:

williamdavidvieira@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Por uma epistemologia do barranco como afronta do saber: O amor, a nostalgia e o sonho em uma periferia

*For an epistemology of the barranco as an
affront to knowledge: Love, nostalgia and
dreams in a periferia*

*Por una epistemología del barranco como
afrenta al conocimiento: El amor, la nostalgia
y los sueños en una periferia*

David Vieira, W. Por uma epistemologia do barranco como afronta do
saber: O amor, a nostalgia e o sonho em uma periferia. *Revista Eco-Pós*,
27(3), 92–112. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i3.28325>

RESUMO

Poderiam ser tomadas, como fenômenos comunicacionais de saberes localizados, as lembranças de um sujeito-pesquisador acerca de seu passado? Neste texto, de tom mais ensaístico e redigido em bloco único, utilizo o relato de um índice de subjetividade sobre minha infância em uma periferia como estratégia de “escrevivência” (Evaristo, 2018), a trafegar por três materialidades que saltam dos escritos: o amor, a nostalgia e o sonho. Pensando minhas vivências em meio a uma geografia do barranco, lanço-me na empreitada de alçar essa categoria – o barranco – a uma dimensão de epistemologia que afronte formas ortodoxas de saber, responsáveis por anularem outras mais dissonantes e preteridas nos eixos chancelados de conhecimento. Pelo caminho traçado, este texto experimenta ser uma metodologia em andamento de sua própria proposta, chamando ainda para a conversa referenciais que andam de mãos dadas com esse saber periférico.

PALAVRAS-CHAVE: *Barranco; Escrevivência; Escrita de Si; Periferia; Ensaio.*

ABSTRACT

Could the recollections of a subject-researcher about his past be taken as communicational phenomena of local knowledge? In this text, with a more essayistic tone and written as a single block, I use a subjectivity index in order to retell my childhood in a periferia as a “escrevivência” strategy (Evaristo, 2018), making use of three materialities that emerge from the writings: love, nostalgia and dreams. Thinking about my experiences amid a barranco geography, I embark on an endeavor to elevate this category – the barranco – to a dimension of epistemology that seeks to confront orthodox forms of knowledge, responsible for canceling out others that are more dissonant and overlooked in the approved axes of knowledge. Along the outlined path, this text tries to be an ongoing methodology of its own proposal, also calling into the conversation references that go hand in hand with this periferia’s knowledge.

KEYWORDS: *Barranco; Escrevivência; Self Writing; Periferia; Essay.*

RESUMEN

¿Podrían los recuerdos de un sujeto-investigador sobre su pasado ser tomados como fenómenos comunicacionales de conocimiento localizado? En este texto, con un tono más ensayístico y escrito en un solo bloque, utilizo relato de un índice de subjetividad sobre mi infancia en una periferia como estrategia de “escrevivência” (Evaristo, 2018), recorriendo tres materialidades que emergen de los escritos: el amor, la nostalgia y los sueños. Pensando en mis experiencias en medio de una geografía del barranco, me embarco en un esfuerzo por elevar esta categoría – el barranco – a una dimensión de epistemología que busca confrontar formas de conocimiento ortodoxas, responsables de anular otras más disonantes y pasados por alto en los ejes de conocimiento aprobados. En el camino trazado, este texto intenta ser una metodología permanente de propuesta propia, llamando también a la conversación referentes que van de la mano de este conocimiento periférico.

PALABRAS CLAVE: *Barranco; Escrevivência; Relatos de Experiencia; Periferia; Ensayo.*

Submetido em 02 de julho de 2024.

Aceito em 25 de outubro de 2024.

O tempo dos fantasmas é no presente¹. Os espectros são assim, arrastam-se do passado – essa temporalidade social nunca morta e jamais cristalizada ou estanque – como nuvens de dúvidas sobre nossas próprias existências, até mesmo quando experimentamos ser fantasmas de nós mesmos. É o que sinto ao me deparar com essa foto, um registro de minha infância, num momento de contemplação dos álbuns de minha família, situado entre algum período qualquer no intervalo compreendido da morte de minha avó materna pela covid-19, em dezembro de 2020, ao assassinato de meu pai, em julho de 2021, na mesma periferia onde nasci e fui criado. Se não se pode apartar o pesquisador daquilo que ele mesmo investiga – e isso passa a ser questão central para os estudos em comunicação mais intensamente de uns tempos para cá, tornando-se tema de teses (Vieira, 2024b), livros inteiros e palestras (Kilomba, 2016; Vieira, 2022), e também dossiês em revistas, como este número da Revista Eco-Pós, periódico vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) –, não seria justo, também, tentar apartar desse pesquisador aquilo que ele foi e continua sendo. Este sujeito não se constituiu como tal quando adquiriu um título. Constituí-me como pesquisador desde este passado em que brincava na rua com uma de minhas irmãs (à esquerda da imagem abaixo) e uma prima (à direita), sendo esse o momento registrado pela Figura 1, que pode servir como convite para um mergulho neste texto.

Figura 1 – Memórias de *uma* infância em *uma* periferia.



Fonte: Arquivo de família.

¹ Este texto é uma versão inédita, com discussões expandidas e mais adensadas, de um aporte empírico resultado de pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Creio que foi um dos momentos em que briguei para me emprestarem e me permitirem “bater o clique” (acionar o disparador) na máquina fotográfica já emprestada por um terceiro à minha família. A memória me falha, mas boa parte desses empréstimos era para uso em casos de formatura de alguém – minhas irmãs, minha prima e eu passávamos do jardim de infância ao fundamental e esses eventos escolares sempre foram motivo de comemoração em minha família, já que poucos conseguiram dar continuidade aos estudos após a quarta série. Essas fotos de “menor efeméride” – a exemplo de uma formatura, tal qual a imagem exibida há pouco, de mais ou menos 2002/2003 – vinham como necessidade de gastar os últimos cliques permitidos pelo filme comprado na loja da *Kodak* na Rua Direita (centro histórico) da cidade de Ouro Preto (MG), município onde morávamos.

Era preciso saltar de barrancos para alcançarmos até mesmo o ponto de ônibus de nosso bairro, rumo a essas idas ao centro histórico para comprar um filme fotográfico. Ao me mudar para a casa de minha avó materna, também passei a conviver mais com uma tia que lá morava. Essa tia era a responsável por comprar os filmes e se encarregar de pedir a máquina fotográfica emprestada. É a mesma tia que se lança agora a ver álbuns fotográficos comigo, também atingida pela morte da mãe (minha avó) e do cunhado (meu pai), e que me conta, quando nos deparamos com essa foto do início do texto, ao ouvir meus comentários sobre os barrancos ao nosso redor, que, no fim dos anos 1980 e início dos 1990, por várias vezes precisou ir ao bairro vizinho, Piedade, subindo por mais barrancos, para ajeitar a emenda na mangueira que enviava água ao nosso bairro. Quando regressava, a mangueira já havia soltado novamente ou alguém a havia arrancado e ela precisava subir o morro e voltar à Piedade para fazer outra emenda. Quando não aguentava subir o morro, optava por encher baldes na mina de água da casa de uma moradora vizinha. Não havia encanamento de água direto para o nosso bairro.

Retomando essa foto no período compreendido entre os dois momentos de luto destacados há pouco, vejo, por meio da imagem e do relato que dela se concebe na qualidade de rememoração transferida em palavras escritas, de que modo um resquício de filme fotográfico ganha destaque à medida que transmuta o registro de minha presença, para mim mesmo, no espaço do meu bairro, situado na periferia da dita cidade mineira. A relação que passo a constituir com esse registro está balizada na possibilidade de ver as mazelas ali vividas incorporando-se a uma espécie de resiliência política, ativa. E, quando me impulsionam a

escrever, agem como fenômenos comunicacionais que pedem certa contextualização para repousarem no presente a partir de sua rememoração e do ato de serem escritos agora em palavras grafadas num texto, não apenas como imagens. É o que tento fazer neste trabalho – algo que tem se ocupado de minhas pesquisas mais recentemente (Vieira, 2021, 2022; 2024b; Dias; Aquino; Vieira, 2022; Martins; Vieira, 2023; 2024a).

A partir de mais um índice de subjetividade sobre minha infância em uma periferia, resgatado então como estratégia de sobrevivência via “escrevivência” (Evaristo, 2018) – o que poderíamos chamar de “sobrescrevivências” –, aquilo que emerge são materialidades a delinear por qual feição essas “sobrescrevivências” se permitem ver. Para trabalhá-las neste texto, associo-as a três categorias (elementos que pulsam nessas vivências): o amor, a nostalgia e o sonho. Entretanto, tais atributos não agem isoladamente. Para se ter uma ideia, nas duas mortes que mencionei, o que encontro é um atravessamento de amor, nostalgia e sonho. Um atravessamento tal qual os próprios fenômenos comunicacionais indicam executar. Quando recorro a deter meu pensamento no que guardo de uma dessas mortes, ao modo de pensamento que a imagem acima faz sobressair, volta à memória uma das vezes em que meu pai escutava a música *O Povo da Periferia* (2002), de Ndee Naldinho. Por volta dos quatro anos de idade, pedi para não continuar morando com meus pais e para me mudar para a casa de minha avó materna. Eram frequentes as agressões que minha mãe e eu sofríamos por ele. Minhas irmãs mais novas, que nasceram depois desse período, moraram com eles por mais tempo, até que também não conseguiram suportar as agressões – assim como minha mãe, porém, depois de um tempo mais extenso que o nosso.

Nas vezes em que fingíamos estar tudo bem e quando saíamos da casa de nossa avó para visitá-lo – ou mesmo visitá-los, no tempo em que minha mãe seguiu morando com ele –, a canção de Ndee Naldinho parecia ser uma trilha sonora. Ela era ouvida incessantemente por meu pai. Quando criança, eu não me dava conta do conteúdo presente na letra, mas vejo hoje que os versos falam por si. Ele sempre escutava no volume mais alto possível, contrastando com o som dos vizinhos. Não que haja aí uma atribuição de valor entre uma música e outra, mas tal embate sonoro é um diferencial que desponta em minha memória como os lampejos de um momento que, em certo ponto da vida, passou despercebido, a exemplo dos próprios espaços por onde eu subia para chegar à casa onde minha mãe, minhas irmãs e meu pai viveram por muito tempo, pouco depois do momento em que deixei de viver com eles. A casa que abrigou minha família

pertencia a outra matriarca, minha bisavó paterna, que a deixou como herança para meu pai. Tenho poucos registros fotográficos lá. A imagem que abre este trabalho, seguindo a maioria dos registros visuais, também não foi feita lá. Foi tirada em frente à casa de minha avó materna, também no mesmo bairro onde meu pai morava, com as duas moradias separadas por apenas um enorme barranco de rochas quebradas a se esfarelarem e rolarem sobre as casas dos vizinhos e nossas, sem muitos danos – com exceção do período chuvoso.

No tempo em que viveu sozinho, meu pai parecia ouvir cada vez mais a canção. Ou eram poucos os momentos em que o visitávamos e, por isso, a música, sempre a tocar, acabou por tornar-se uma espécie de marca registrada sua. Ao perder a casa para um primo após pressões de um lado de sua família para vender ou doar a habitação a outros parentes, meu pai foi morar de aluguel em outro ponto do bairro, em outro extremo do barranco que circundava as ruas do local onde fizemos morada por vários anos em Ouro Preto. Mudou de um extremo a outro mais algumas vezes, até o momento em que foi encontrado morto num córrego, na base de outro barranco do bairro – um assassinato não explicado até hoje, quando, mais de três anos após seu falecimento, ainda tentamos conseguir o laudo do perito do Instituto Médico Legal (IML), mas a Polícia Civil nos engambela com desculpas atrás de desculpas para não termos acesso ao documento.

Cada um desses lugares habitados por nós ao redor de barrancos indica uma forma de vida nossa diluída pelo mundo. Pensando essas vivências em meio a uma geografia do barranco, lanço-me, neste texto em específico, numa empreitada de alçar essa categoria – o barranco – a uma dimensão de epistemologia que busque afrontar formas mais ortodoxas de saber, como tenho buscado em trabalhos recentes, já mencionados. Ajo em direção a uma produção de “saber localizado”, nos termos de Haraway (2009), que se contrapõe àqueles saberes responsáveis por anularem outros mais dissonantes e mais preteridos nos eixos cancelados de conhecimento do fazer-ciência a que temos acesso e que também ajudamos a construir. Pelo caminho traçado, o texto aqui esboçado vem no intuito de ser um experimento do próprio saber que o sustenta, isto é: procura ser uma metodologia em andamento – em aplicação – de sua própria proposta. Para isso, chamo para a conversa referenciais que andam de mãos dadas com esse saber periférico, daqueles mais artísticos (como fiz com a canção *O Povo da Periferia*) aos mais acadêmicos. Essa metodologia age, porém, menos como um desabafo ou terapia pela escrita, algo que poderia transparecer mais facilmente; porta-se, na realidade, como uma busca pela constituição desse

“eu” que aqui escreve a partir de um gesto de genuflexão a Outros dispostos a seu redor. Poderíamos dizer que essa metodologia defendida se trata daquilo que Ricoeur (1991) e Butler (2015) pensam sobre a constituição do eu, qual seja, dizer “si” e “relatar a si” não são o mesmo que exaltar o eu, mas saber que este eu precisa estar atento à necessidade de permanente alteridade ética (Lévinas, 1997; Moriceau, 2019).

Um exemplo são as transformações de sentido, valor e importância que um mesmo acontecimento pode ter atribuído a si ao longo de nossa vida e, com isso, encontrarmos as variabilidades em nossos modos de contá-lo. Em 1997, nos meus três anos de idade – tenho memórias remotas disso, não conseguindo esquecer a escuridão da noite e em qual ponto do barranco isso se deu –, voltávamos de um casamento em Fonseca, distrito da cidade de Alvinópolis, também em Minas Gerais, onde meu pai nasceu. Era madrugada. Caminhando bêbado depois de sair da van que nos trouxera até Ouro Preto, comigo em seus ombros e eu me segurando às vezes apenas em sua cabeça, pelo que me lembro – eu adorava ir nos ombros de alguém –, meu pai rolou de um barranco ao chegar perto do primeiro barracão onde moramos, passando por uma cerca de arame farpado. Nosso bairro era e ainda é, em grande parte de seu território, como aquele que compõe os primeiros 1:30min do videoclipe da canção *Vida Loka II* (2002)², dos Racionais MC’s: terra, mato, perambeiras, pedras se soltando, com o adicional de isso se juntar às ladeiras de Ouro Preto, concebidas sobre as rochas escavadas séculos atrás, onde tudo abaixo é oco e o que vemos sempre são gotas de água escorrendo das rochas – pelo frio e pela umidade da cidade. Minha mãe e eu contamos essa história até hoje. Meu pai se machucou todo; eu não tive um arranhão sequer.

Utilizando esse exemplo para entrar mais densamente na proposta deste texto, estruturado em torno de três elementos-chave, o amor, a nostalgia e o sonho, o que busco dizer é que se faz possível encontrar, nesse comboio de violências, um espaço hoje, então, de amor, nostalgia e sonho, sabendo que esses sentidos, valores e importâncias são cambiantes. Parto do pressuposto de que amor é falar abertamente da vivência, da experiência em si na periferia. Trata-se de não esquecer o passado, contemplá-lo de outra forma, sem enfeitá-lo e ciente de nossas predileções e seleções de memórias em relação a ele – um modo distinto de nostalgia. E mais: falar dele a partir dessas afetações que ele segue produzindo em mim, das fabulações que

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fu5kcgz73TY>.

ainda é capaz de gerar – o sonho –, enxergando nisso inúmeras atribuições e a necessidade de um sujeito de se situar em meio a uma inconstância social e sentimental. Vemos aí um embaralhamento entre amor, nostalgia e sonho.

Adentrando melhor a eles, vemo-nos inicialmente diante daquilo que bell hooks (2020) elabora sobre o amor: uma possibilidade ou potência para a construção de uma nova sociedade. Pensar o amor na vivência é colocá-lo como centralidade da vida, como pede hooks. O amor é construção cotidiana, só assume sentido na prática, na ação. Encontramos seu sentido quando o colocamos em prática. E colocá-lo em prática é reconhecer seu funcionamento, darmos conta dele, de que está ocorrendo. Portanto, colocá-lo em prática é poder conhecer o que é o amor. Não se trata, assim, de conhecê-lo primeiro para depois praticá-lo. Os dois processos ocorrem simultaneamente. Seguindo o caminho traçado por hooks, temos, inclusive, uma abordagem distinta da morte – esta última palavra, já muito mencionada neste documento. Para a pensadora, a morte e o medo coletivo que alimentamos por ela (a partida final da vida) seriam uma espécie de “doença do coração”; e a única cura para isso é o amor. Da morte como iminência futura que se eterniza em determinado presente impensado e inesperado, o que resta são ruínas de um acontecimento que nos atropelou num tempo agora passado e que permanece nos assombrando, seja em forma de luto por aquele que se foi, seja em forma de vazio por não termos ciência e controle nem mesmo de nosso próprio fim. Na medida em que compartilhamos menos nossos pensamentos sobre mortalidade e perda, podemos, como contrapeso, enfrentar mais o medo de que os outros ao nosso redor nos tomem por fracos. Isso diz de nossa incapacidade de amar – e amar a nós mesmos ou nos permitirmos ser amados.

Uma forma de contornar esse problema seria caminhar rumo a uma “comunhão amorosa”, afinal, para hooks, a salvação do mundo reside nas *comunidades*. Se pudéssemos tratar a morte de outra forma, como aprendendo a amar desde cedo e, assim, combatendo nosso medo coletivo justamente através dessa comunhão (comunidade/coletividade) na qual amores seriam compartilhados, e não apenas o medo, alcançaríamos, portanto, uma ação possível diante da morte, um modo de enfrentá-la, de nos posicionarmos perante seu assombro causado em nossa tenra humanidade:

Imagine quão mais fácil seria aprender como amar se começássemos com uma definição partilhada. A palavra “amor” é um substantivo, mas a maioria dos mais perspicazes teóricos dedicados ao tema reconhece que todos amaríamos melhor se pensássemos o amor como uma ação. Passei anos procurando alguma

definição significativa da palavra “amor” e fiquei profundamente aliviada quando encontrei uma no clássico de autoajuda do psiquiatra M. Scott Peck, *A trilha menos percorrida: uma nova visão da psicologia sobre o amor, os valores tradicionais e o crescimento espiritual*, publicado originalmente em 1978. Reverberando o trabalho de Erich Fromm, ele define o amor como “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa”. Para desenvolver a explicação, ele continua: “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade – isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”. Uma vez que a escolha deve ser feita para ampliar o crescimento, essa definição se opõe à hipótese mais amplamente aceita de que amamos instintivamente. (hooks, 2020, p. 38; grifos no original).

Parece ser essa uma premissa defendida em outras correntes que exploram o “espiritual” de modo mais incisivo, como o budismo, ao acreditar que o real sentido da vida e do mundo é encontrar uma forma de aliviarmos o nosso sofrimento. E, a partir disso, se pudermos ajudar a aliviar o sofrimento do outro, então encontraremos mais sentido na vida – encontrando sentido, igualmente, para “coisas da vida”, como a morte. Focando, porém, na perspectiva de hooks, talvez, aí, também poderíamos encontrar outra forma de olhar para o passado que não seja recriminando-o: a nostalgia. Não com o objetivo de querer voltar ao passado e visar até mesmo os momentos de dor com olhares adocicados e pouco amargos, mas entender que a nostalgia – sim, um doce amargo – pode ser uma forma de amor estendida ao que passou e ainda resiste como fantasma.

Nesse sentido, quem me trouxe e impulsionou até aqui, nessas discussões, e que agora *contempla o passado* comigo é Conceição Evaristo, por meio de suas *escrevivências* no romance *Becos da Memória* (2018). São gestos (as *escrevivências*) que, como defendem Soares e Machado (2017, p. 207; grifo no original) – mais próximas do campo da psicologia social –, carregam “uma dimensão ética ao propiciar que a autora assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um ‘nós’ compartilhado”. Esse nós, inscrito no “eu” de Evaristo no livro (na confusão possível entre a identidade da narradora e a identidade da escritora, o que Evaristo afirma não lhe causar nenhum constrangimento), deixa claro, conforme aponta Schmidt (2018), quem são os sujeitos que a escritora pretende representar. Sujeitos que, ainda segundo Schmidt, agem construindo a perspectiva *benjaminiana* da história, aquela que, por sua vez,

[...] privilegia o fragmento sobre a totalidade, a alegoria sobre o símbolo, dentro de uma compreensão mais profunda de que a história, tradicionalmente

divulgada na perspectiva dos vencedores, pode ser escrita a contrapelo, dando vez a versões, mínimas, fragmentárias de vidas comuns, nem heroicas nem exemplares, de pequenas vidas de personagens em cujos percursos se conjugam derrotas advindas de sua condição social, racial e de gênero. (Schmidt, 2018, p. 414-415).

Pela personagem Maria-Nova (de *Becos da Memória*), que, por meio da chave metanarrativa ou *palimpsestual* do romance, esboça a possibilidade de *escrever* sobre aquilo (da violência às alegrias) que *se escrevia* em seu corpo, sua mente e sua alma, Evaristo pensa em outros fins e começos possíveis para as histórias. Pensa a escrita, portanto, como vestígio ou fragmento, como indício, como forma de vida; e, assim, também como murmúrio de outras formas de vida:

Vó Rita dormia embolada com ela. Vó Rita era boa, gostava muito dela e de todos nós. Talvez ela só pudesse contar com o amor de Vó Rita, pois, de nossa parte, ela só contava com o nosso medo, com o nosso pavor. Eu me lembro de que ela vivia entre o esconder e o aparecer atrás do portão. Era um portão velho de madeira, *entre o barraco e o barranco* [grifo meu], com algumas tábuas já soltas, e que abria para um beco escuro. Era um ambiente sempre escuro, até nos dias de maior sol. [...]. Em frente da casa em que ela morava com Vó Rita, ficava uma torneira pública. A “torneira de cima”, pois no outro extremo da favela havia a “torneira de baixo”. Tinha, ainda, o “torneirão” e outras torneiras em pontos diversos. A “torneira de cima”, em relação à “torneira de baixo”, era melhor. Fornecia mais água e podíamos buscar ou lavar roupa quase o dia todo. Era possível se fazer ali o serviço mais rápido. [...]. A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. [...]. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado! Havia as doces figuras tenebrosas [o doce amargo da nostalgia, acrescento]. [...]. Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela. (Evaristo, 2018, p. 27-33; grifos no original).

No recurso sentimental dessa escrita nostálgica, podemos localizar as faces desse amor que vivemos e que ainda nos percorre; que, por vezes, transformamos em culpa ou mais sofrimento, como o luto. A nostalgia aí posta brilha sob o prisma de recobrar o passado dando a

ele um lugar de prestígio nas seções reservadas ao que o mundo fez de nós e que, de uma maneira ou de outra, contemplamos. A periferia que, apesar das dores, sem as esquecermos, mas apenas com o intuito de não sofrermos mais por elas, de não sofrermos mais do que já sofremos, também conta das brincadeiras no terreiro de casa, na rua, no portão da garagem – como a foto que abre este texto –, mesmo quando o serviço de capina da prefeitura estava há meses atrasado e sempre surgia alguém para matar uma cobra que aparecia em meio ao matagal em frente à casa de minha família. Eis a nostalgia pela periferia de uma cidade mineira especialista em vender aos turistas pedra-sabão na feirinha do Largo São Francisco de Assis, como ocorre em Ouro Preto, onde muitos de nossos vizinhos trabalharam e alimentavam as brincadeiras de criança de comidinhas de barro com pedras-sabão gastas, arruinadas (como esse passado se tornou, tão arruinado quanto as pedras que usávamos para brincar em momentos como o da foto deste texto). Pedras não serviam mais para serem vendidas e que eram esfregadas nos muros das casas para se transformarem em pó de cores múltiplas que, inundadas com água, *tornavam-se um barro colorido*.

Do barro viemos e ao barro voltamos agora. Ou dele nunca saímos, mesmo quando da ausência física daquele espaço primeiro. Não o barro bíblico, da mitologia da criação de Adão e Eva. Se respirávamos ou quase comíamos pó dos barrancos nos dias secos, o que temos hoje desse passado é um pó – a poeira da nostalgia, passível de se transformar em amor e desejosa de atingir essa condição quando colocada como ato, o *amor-ato* pensado por hooks (2020). Se atolávamos nossos pés em barro ao caminharmos pelos barrancos nos dias de chuva, rezando para que nossas opacas casas não se desfizessem com a tempestade tal como o chão em que pisávamos, rezando também para que esses mesmos barracões não fossem levados pelo mesmo barro das encostas liquefeitas de Ouro Preto, então é desse barro que viemos. O barro que nos criou, que nos fez crianças, como quando eu brincava na rua com minha prima e minha irmã. O barro que hoje vem como nostalgia, como amor situado no tempo, como mais um exemplo de resiliência política/ativa.

Nossas memórias são feitas de barro. E de barro impregnado em portões empenados de garagem, doados por aqueles que já os descartaram de suas casas, mas imaginaram que talvez poderiam servir para quem precisasse. O mesmo barro acumulado por crianças em vasilhas velhas de margarina – *manteigueiras*, como chamávamos. Um barro que tampouco sabíamos se sempre esteve ali onde pisávamos ou se teria estado antes nas encostas que nos ameaçavam e

que primeiro acreditávamos nos proteger, cercar nossas casas. O mesmo barro, porém, que, na areia misturada a cimento por cima da terra aparentemente fixa onde empunhávamos nossos pés, emendou tijolo por tijolo de nossas casas. Num dia, os cômodos que nosso dinheiro permitiu comprar – alguns quartos, um banheiro, uma cozinha. Anos depois, uma emenda: outro quarto, uma garagem, cartografadas anos à frente num endereço, numa instalação de energia elétrica, num boleto pela cobrança da água, aí sim, já canalizada, e até num papel dedicado a cobrar os impostos de moradia (como o Imposto Predial e Territorial Urbano, o IPTU) pelo território onde dissemos nos constituir como gente, como família, como brasileiros. O que *mais* esse barro permitiria? Trata-se de um “mais além” que não se findou, continua, indo do amor devotado aos que sofreram comigo à nostalgia por momentos que, apesar de todas as violências ali arroladas, são dignos de contemplação porque entendemos que nós nos constituímos também neles, dizem de nós, são como formas de vida nossas.

São as supracitadas faces de um amor em ato, isto é, nostalgias materializadas agora em forma de memórias individuais que também unem uma coletividade. Assim, são expressões nostálgicas que se conjugam enquanto amor compartilhado. Por isso, destaquei, no início do texto, que as três categorias aqui trabalhadas (amor, nostalgia e sonho) não agem isoladamente. Nesse sentido, há ainda um anseio pelo “mais além” – não um desejo de que a violência permanecesse e nela continuássemos, e sim, um “mais além” que permitisse a nós termos mais tempo para contornar as violências de outra forma. Um “mais além” que não houve e que sabemos, com certeza, que não virá, conquanto permaneçamos no desejo como única possibilidade de contato com essa felicidade ausente. Esse desejo jamais anula, porém, nosso corpo açoitado pela passagem avassaladora dos dias ou o próprio presente. E, sim, revela ainda mais o passado em camadas do presente, fazendo-nos lançar mão de uma estratégia que diz de nossa condição de humanos: sonhar com aquilo que poderia ter sido, mas não foi. De acordo com o que pontua Gehlen (2017, p. 146; grifo no original), “quando a realidade não confirma ou até mesmo contradiz nosso incansável impulso por um ‘mais além’, ainda assim resta uma última alternativa – evadir no tempo e povoar a própria fantasia com imagens de felicidade”. Falamos do sonho estirado do amor à nostalgia, do amor da nostalgia: produzir imagens de fantasia sobre o mundo e, nessas fabulações, criar outros intervalos de contato com o passado.

O que queremos são mais possibilidades de formas de vida para nós, a se espalharem pelo mundo deixando marcas. Encontrar mais formas de vida em nossa capacidade criativa é

encontrar outras formas de resistir ao mundo e no mundo, de alcançar uma resignação ativa perante os atropelos de que somos alvo. Esse “anseio” de “voltar à casa” – as duas raízes gregas de onde deriva a palavra “nostalgia” – é um desejo por um lar metafórico que não existe mais ou nunca existiu; por isso, as inúmeras formas de ser e de se sentir nostálgico (Boym, 2001; 2017), por isso, o sonho da nostalgia e a nostalgia do amor. Tem-se uma condição que só pode existir quando reconhecemos, antes, a distância – que, por mais que se rejeite, precisa existir, senão tampouco sonharíamos ou povoaríamos o mundo com mais expectativas de formas de vida. É como estar no mundo e precisar reconhecer suas opressões para podermos sair delas; “é um sentimento de perda e deslocamento, mas é também uma fascinação com a própria fantasia” (Boym, 2017, p. 153). É sentir nostalgia pela própria nostalgia – contemplar a memória individual inserida em meio a memórias coletivas. O escritor chinês Yan Lianke, em março de 2020, durante a pandemia, falou sobre a importância da memória individual, com o intuito de explicitar que ela é responsável para evitar que uma memória oficial apague a dor, o pranto, a perda ou mesmo não os considere, tendo em vista que o espaço público relativiza identidades, individualidades e mesmo coletividades, então relativiza nossas perdas e, nelas, nostalgias, amores e sonhos:

A verdade é que temos memória e lembranças, e mesmo quando nos falta a capacidade de mudar o mundo e a realidade, podemos pelo menos, perante uma verdade centralizada e programada, sussurrar para nós próprios: “As coisas não são assim!”. (Lianke, 20 mar. 2020, s. i.; grifo no original).

Se podemos questionar “como as coisas são”, ainda que não as cambiemos de todo, é porque temos amor às verdades que vivemos. Poderíamos entender que essa nostalgia de que falamos é responsável por refundar o amor ou nos dizer que aquele amor destinado por nossa vivência não se perdeu com o passado – com esse tempo que acreditamos ter perdido. Conforme apontam Grisales e Coimbra (2020), pensando o desaparecimento de pessoas na Colômbia a partir da violência no país, desde que o Centro Nacional de Memória Histórica passou a medir essas ocorrências e registrá-las como dados, seja da violência causada por perseguição política, seja por outros crimes, e pensando aqui, ainda, a pandemia de covid-19, é necessária a organização em comunidades para tornarmos persistente uma luta que, desde o início, já é *comum*. Ou seja: comum aos atingidos, formando, pois, uma comunidade, que parte da relação dada pelo crime cometido contra essas vítimas para se tornar uma resistência (da luta por

aqueles que desapareceram, por um luto que sequer tem um destino corpóreo e ósseo em esfacelamento contínuo para ofertar e traçar, mas apenas um referente ainda mais “perdido”).

A criação das comunidades afetivas tem relação com situações muito particulares, que envolvem aqueles que vivem determinada experiência (Grisales; Coimbra, 2020, p. 504): é criar comunidades afetivas para fazer perdurar um amor e defender aqueles a quem amamos. Eu poderia evocar agora o que escreveu Eve Kosofsky Sedgwick (2019) em seus poemas, sobre querermos e desejarmos cada vez mais o mundo que nos rodeia, sabendo que tudo nele muda, mas nossas verdades, para nós mesmos, permanecem como imperativos de nosso viver, como atestados de nosso tempo e dos nossos, daquilo que vivemos e continuamos a viver:

qualquer coisa ruim
que ameace as pessoas que amo;
para mim o único terror

e que deixe de saber
Como querer e desejar
O mundo que me rodeia. (Sedgwick, 2019, p. 5; tradução minha).

São as verdades sobre nós mesmos e nossos passados que devemos desejar saudosamente. São elas o fruto do amor que construímos e imaginamos ou, até mesmo, que planejamos como propagar daqui para a frente. Afinal de contas, parece não ser somente o passado que ocupa nossa memória, mas também o que fazemos com ele de agora em diante. Ou seja, como imaginar e sonhar o passado, que lugar dar a ele. Sonhar com o passado seria como pensar o espaço da periferia de agora em diante, tendo em mente, particularmente falando, que sou o que sou nele e como sou nele por meio das imagens de mim mesmo que guardo do passado e de como esse passado se alojou em minhas costas, carregando meu andar, deixando-o mais pesado, como um fardo.

Do passado que foi, a partir das histórias que conto dele e que escrevo de agora em diante, ao passado que não foi, não existiu, como os sonhos de meu pai em ser proprietário de uma Chevrolet D20, caminhonete com a qual, desde seu surgimento e estabelecimento no Brasil (ao longo dos anos 1980/1990, respectivamente), ele sonhou, o que se manteve pelos anos 2000/2010, ainda após a obsolescência desse “produto ultrapassado”. Nunca, porém, um sonho velho; e sempre inabalado, agora transformado em lembrança minha de um passado intocável – tão intocável quanto a D20 para meu pai. Lembranças que vêm e se dissolvem como o barro,

memória de uma verdade nossa, da comunidade afetiva que pude criar com meu pai, em nossa família, nos poucos contatos que tivemos nessa relação – de pai e filho – que não prescinde da lembrança das violências que ele mesmo cometeu e de que foi vítima. Nada disso pode ser esquecido. Nada disso pode ser apagado.

Pelo caminho que estamos traçando, o sonho vem a ser a expressão dessa nostalgia e desse amor. E o sonho não é aqui futuro, apenas, na forma mais simples de aceção do termo. Ao pensarmos no que podemos fazer com o passado *de agora em diante*, ou com as lembranças que temos, fardos inalienáveis do baú de experiências que carregamos lombo castigado afora, isso não rema diretamente para um futuro, porque *o fazer é de agora em diante*, tal como o amor enquanto prática, enquanto fazer. Tudo isso começa primeiro no agora – é um presente em que nos atolamos, como pés enfiados no barro e com anseios de viver. Fazer dos sonhos uma cripta responsável por proteger – mas também encarregada de expressar a nostalgia e o amor – é como escalar um barranco: é deixar escorregarem pedras enquanto escorregam nossos próprios pés, sabendo que o próximo passo precisa ser fixo; porém, para isso, é preciso que encontremos equilíbrio no hoje estremecido.

Dia desses sonhei com minha avó, com aquela senhora sempre escondida em seu quarto, deitada na cama em frente à tevê, num local praticamente inenarrável da periferia ouro-pretana a abrigar uma corporalidade a definhar, mas sempre rígida, de empunhadura sustentada pela sabedoria, pelos traumas de vida e pelo carinho resguardados por um espaço que poucos podiam localizar, onde parecia não haver ameaças, mas onde o mundo nos encontrou – ou sempre esteve, aliás, e só não me dei conta disso. Em geral, são sonhos em que *vivemos uma vida em que ela está viva*, longe dessa *vida morta*, ceifada pela covid-19. Apesar disso, o primeiro sonho que tive após sua morte, do qual ainda me recordo, já fazia questão de apontar sua nova forma de vida – a ausência corpórea daquela fortaleza (a despeito de seus erros e das violências também cometidas por ela, como todos praticamos) no lugar onde sempre a encontrei. Foi quando pude experimentar um contato diferente com a perda – o sonho, uma ilusória “pequena morte minha”, comigo “ausente na vida da realidade” enquanto consciência desperta, diante de sua morte, como descreve Ribeiro (2019):

Experimentamos durante a vigília – de dia ou de noite, mas de olhos bem abertos – uma sucessão de imagens, sons, gostos, cheiros e toques. Despertos, vivemos sobretudo fora da mente, pois nossos atos e percepções estão ligados ao mundo além de nós. E então, com maior ou menor periodicidade – de noite ou de dia,

mas de olhos bem fechados –, entramos naquele estado de inconsciência em que a tela da realidade se apaga. [...]. O sono se apresenta como uma não vida, uma “pequena morte” cotidiana, embora isso não seja verdade. [...]. Quase todos sabem o que o sonho é, mas poucos se lembram dele ao despertar de manhã. O sonho em geral nos aparece como um filme de duração variável, muitas vezes de início indefinido, mas quase sempre levado até um desfecho conclusivo. Numa definição preliminar, o sonho é um simulacro da realidade feito de fragmentos de memórias. [...]. Nos sonhos um personagem ou lugar pode se transformar em outro com incrível naturalidade, revelando o poder de transmutação das representações mentais. O encadeamento entrecortado dos símbolos determina um tempo caracterizado por lapsos, fragmentações, condensações e deslocamentos, gerando camadas de significado múltiplas e até mesmo díspares. O arco de possibilidades do sonho é vastíssimo, beirando o insólito, o inverossímil e o caótico. (Ribeiro, 2019, p. 13-14; grifo no original).

O sonho age como um tempo transitório do presente – ou tão transitório como o próprio presente. Resta a nós encará-lo como um teatro de nostalgias e amores das enormes possibilidades de existência de nossos corpos no mundo. Sonhar é necessário para que encontremos outros destinos àquilo que não conseguimos ainda envolver em determinada trilha de sentidos. Por isso, guardamos esse amontoado de significados num invólucro passageiro de formas de ser e agir no mundo – ou mesmo num outro mundo passageiro, aquele produzido por esse sonho. Sem sabermos o que fazer com esses signos variados, produzimos, porém – despertos ou adormecidos, cientes, de um jeito ou de outro, do passado que aparentemente terminou –, um novo presente, um “de agora em diante”, um futuro que se inicia com o equilíbrio a partir do presente bambeado que nos é oferecido – a *realidade real*, não a realidade fabulada. Passado, presente e futuro são o barro dissolvido de um barranco.

Dessa forma, a rejeição apresentada pelo sonho ao presente é menos um indicativo de nossos desejos do que o passado poderia ter sido, e mais uma exibição do amor e da nostalgia por aquilo que nos cerca, por nossa comunidade afetiva, que desejamos continuar se perpetuando, embora sempre instável. O sonho pode ser uma forma de compreendermos o que fazer com o amor, por onde expressá-lo, onde guardá-lo, como transformar em materialidade essa nostalgia difícil de ser explicada em palavras, alojada na memória na qualidade de um desejo de “dar-se a, abrir-se”. Como apontou Lianke (2020), nossa intensa necessidade de dizer que as coisas não são de certo modo tenta fazer valer a nossa verdade. Muitos de nossos sonhos não podem significar apenas uma fuga do mundo, da realidade, do presente; em contrapartida, são nossa posição perante essa voz imperativa e inexorável do tempo, nossa afronta ao mundo.

No sonho, o barro que nos anima pode ser outro, talvez de cores e sabores outros, palatável em mais formas de vida, não apenas como brincadeira e criação, construção de um laço familiar ou, no extremo, destruição, aniquilação e ausência de vida. Assim também ocorre com o barranco: não existe unicamente como percalço, como subida que nos desestabiliza e pede, imediatamente, um equilíbrio, embora isso seja importante. Ele pode ser um ponto de encontro, um respiro em meio a uma caminhada, um lugar menos íngreme que outro ao redor e mais aconchegante para nos assentarmos, ou mesmo mais inclinado e que nos permita uma posição de destaque, uma vista mais ampla do ambiente, onde é possível contemplar mais coisas igualmente vivas ao nosso redor. Pode ser até mesmo a concepção e exibição de uma periferia que jamais conseguirão compreender.

Se a vivência nesses espaços periféricos traz um modo *sensível* de se organizar certa ocupação no mundo e do mundo, assim como de algumas formas de vida, o que temos são processos comunicacionais *sensíveis*: que se dão em partilha, que elaboram um comunicar pensado a partir da comunhão, como mencionei páginas atrás. Não se trata de dizer, porém, que a voz da periferia é uníssona, ou que poderíamos, mesmo, falar em “a periferia”. Quando fiz uso da expressão “uma periferia” no subtítulo deste texto, para me referir a esse espaço que ocupei e em como ele se desenhou aos meus olhos, em nossas afetações – processos comunicacionais *sensíveis*, em conjunto, de partilha –, pensei numa comunhão dentro de um grupo situado nesse referido território. Um grupo que, dentro da periferia, suba ou tenha subido o barranco durante toda a sua vida e, embora não se dê conta, tenha com o barranco, quiçá, uma relação de troca de vivências e experiências que faz erigir, desse tipo de trânsito, uma comunidade. Essa *comunidade do barranco*, dentro da periferia, pode se servir – comungar – de mesmos sentimentos com relação ao pertencimento do espaço, por exemplo, embora isso não seja limitante – há variações, nenhum sentimento é igual. Da mesma forma, dá-se, em maior grau, a relação com todo aquele espaço periférico. Nisso, a *comunidade do barranco* se faz epistemologia: uma *epistemologia do barranco*, onde a vida é a única forma possível de representar a si mesma.

É importante pensar que, mesmo dentro de uma comunidade, de um processo de comunhão, devemos notar as diferenças e não presumir seu apagamento em busca de um falso pretexto de igualdade. Comungar não significa aniquilar o divergente dentro dos pontos de encontro, mas reconhecer, naquilo que nos une, considerando especialmente as formas discrepantes de afetação em cada um: o que nos levou a essa união. Logo, legitimamos afetos

erigidos entre barrancos e periferias, em nossos contatos com barrancos e periferias, em nossas formas de habitar o mundo, de *sermos no mundo* por esse trajeto em tais espaços; e ainda *sabemos* que assim, também, compomos o mundo. Tudo isso é ver em nossas vidas um acinte ou ultraje – uma *afronta* – a epistemologias mais herméticas que não consideram, por exemplo, essa produção de saber.

Com isso, seria possível entrar numa discussão em torno dos autores citados no início do texto sobre a necessidade de não se afastar o pesquisador daquilo que investiga. É nessa seara que se inserem as procuras por uma epistemologia em movimento, advindas, por exemplo, dos próprios sujeitos que ocuparam/ocupam espaços como as periferias e seus barrancos, e não apenas daqueles que por lá pisam vez ou outra com algum intuito, embora essas construções de saber, com tais características, sejam importantes. Há, inclusive, tentativas de se nomear esses movimentos, como o que Jesus (2022) chamou de “transição paradigmática”. Sendo exemplo desse tipo de indivíduo com tal vivência e encarregado de pensar sobre a temática, Jesus defende que é preciso engendrar criticamente as insuficiências do já estabelecido, tão falado e obsoleto modelo positivista de produção do conhecimento, responsável por marcar a atividade científica moderna.

As epistemologias pensadas num momento de transição, de quebra de paradigmas sedimentados, desenvolvidas sobretudo a partir daqueles que elaboram tais apontamentos teóricos como empirias ambulantes e jamais interrompidas daquilo de que se fala – o “eu periférico” falando de sua vida e dos seus –, buscam propor a ideia de conhecimento *através* (no sentido mesmo do atravessamento) de uma relação intrínseca entre dois manifestos: 1º) a descrição do saber como condição inapagável de sua experimentação primeira, o que não se finda; e 2º) este mesmo saber como ato, como vivência. Trata-se de um conhecimento que pede uma afetação. É uma epistemologia que, como esta do barranco, exerce sua função de afronta exatamente por isso: ao estender a uma subjetividade a chance de se portar como saber localizado, essa episteme garante seu panteão de presença no mundo por apontar o que as outras epistemes mais ortodoxas não dão conta de abarcar (já que isso seria assumir as insuficiências de si próprias, assumir que elas são parcelares). Ou seja, que os fenômenos são assim, incipientes, rápidos e até rasteiros; são partes que não se unem para formar um todo em igual.

Qualquer paradigma que se diga “de referência” nos obriga a conservar, no mundo, seja ele como for, suas cristalizadas posições – e, apenas por isso, radicais posições. São correntes

avessas às mudanças, que *erram* em suas epistemologias por isso, por não considerarem que o mundo muda e, portanto, que as epistemes também se alteram (Bessa-Oliveira, 2018, p. 55). Ao negarmos a uma periferia, por exemplo, a possibilidade de conhecimento ou saber ali formado, assumimos que não há mais saberes dispostos no mundo, ou que todas as ciências disponíveis já deram conta de nos dizer quais são os saberes do mundo. Logo, esgotaríamos o mundo, teríamos, em nossas mãos, todos os saberes disponíveis. Se assim fosse, teríamos, igualmente, em nossas mãos, o mundo – e um mundo perfeito e transparente onde nada está em jogo, onde tudo é seguro, onde não há nada a se enfrentar e onde nós nunca vivemos/viveremos a ameaça de sermos enfrentados por algo ou alguém.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. Epistemologias fronteirizas em arte e cultura periféricas – “paisagens” descoloniais através da arte. *Temporal: Prática e Pensamento Contemporâneos*, Brasília, v. 2, n. 4, 2018, p. 55-72. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/temp/article/view/27099>. Acesso em: 14 nov. 2023.

BOYM, Svetlana. *The future of nostalgia*. Estados Unidos: Basic Books, 2001.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017, p. 153-165. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v0i23.1236>. Acesso em: 19 nov. 2023.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Recurso eletrônico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

DIAS, Emmanuelle; AQUINO, Talita Iasmin Soares; VIEIRA, William David (Orgs.). *A ciência em condição liminar: deslocamentos epistemológicos nas pesquisas em Comunicação*. Belo Horizonte: Selo Editorial PPGCOM UFMG, 2022. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/a-ciencia-em-condicao-liminar/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Recurso eletrônico. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

GEHLEN, Arnold. A felicidade evadida: uma interpretação da nostalgia. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 10, n. 23, 2017, p. 142-152. Disponível em: <https://doi.org/10.15848/hh.v0i23.1235>. Acesso em: 19 nov. 2023.

GRISALES, Sandra Patricia Arenas; COIMBRA, José César. Altares espontâneos de memória: entre ruínas e reivindicações. In: MUSSE, Christina Ferraz; MEDEIROS, Theresa; HENRIQUES, Rosali. *Nostalgias e memórias no tempo das mídias*. Florianópolis; Juiz de Fora: Editora Insular; Editora UFJF; Selo Pesquisa em Comunicação e Sociedade – PPGCOM UFJF, 2020, p. 499-520.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, s. l., n. 5, p. 7-41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 6 out. 2023.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

JESUS, Likem Edson Silva de. Por uma transição epistemológica insurgente: reflexões sobre a produção do conhecimento e as realidades possíveis a partir da periferia urbana. *Intratextos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 86-101. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/intratextos.2020.59916>. Acesso em: 14 nov. 2023.

KILOMBA, Grada. *Descolonizando o conhecimento*. Goethe-Institut; Mostra Internacional de Teatro (MITsp). São Paulo, 2016.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIANKE, Yan. Que cuando esta epidemia acabe nos quede la memoria. *El País*, Madri, 20 mar. 2020, s. i. Disponível em: https://elpais.com/cultura/2020/03/20/babelia/1584729446_793122.html. Acesso em 07 nov. 2023.

MARTINS, Bruno Guimarães; VIEIRA, William David. Nossas pequenas ruínas, nossas formas de vida. *Asas da Palavra*, s. i., v. 20, n. 2, 2023, p. 144-160. Disponível em: <https://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/3244/1888>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MARTINS, Bruno Guimarães; VIEIRA, William David. Reflexões sobre cartografia a partir do pesquisador-fenômeno: redesenhando Ouro Preto (MG/Brasil) por uma escrita autoetnográfica. *Questões Transversais*, São Leopoldo, v. 12, s. i., 2024a, p. 1-13. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/26479>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MORICEAU, Jean-Luc. A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia Caldas (Orgs.). *Desigualdades, gêneros e comunicação*. São Paulo: Intercom, 2019, p. 41-49.

RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

SCHMIDT, Simone Pereira. Posfácio: a força das palavras, da memória e da narrativa. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Recurso eletrônico. Rio de Janeiro: Pallas, 2018, p. 409-423.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Un diálogo sobre el amor*. Madrid: Editorial Alpuerto, 2019.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, Florianópolis, v. 17, n. 39, 2017, p. 203-219. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v17n39/v17n39a02.pdf>. Acesso em: 1º set. 2022.

VIEIRA, William David. “Inunda-me, tempestade de imagens!”: experiências estéticas melancólicas e o elogio da ruína pelas videocolagens de Mamma Mia, de Potyguara Bardo. In: *Anais do XXX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós*, 2021, p. 1-20. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/papers/-inunda-me-->

[tempestade-de-imagens---experiencias-esteticas-melancolicas-e-o-elogio-da-ruina-pelas-videocolagens-de-mamm](#). Acesso em: 14 nov. 2023.

VIEIRA, William David. Localizando experiências comunicacionais de melancolia: implicações de pesquisa, miradas epistemológicas e limites de abordagem. In: ITALIANO, Carla; VILAÇA, Gracila; FRANCISCO, Rafael. *Ainda assim nos levantamos: IV Colóquio Discente Diálogos e Convergências*. Recurso eletrônico. Belo Horizonte, MG: Fafich; Selo Editorial PPGCOM/UFMG, 2022, p. 361-376. Disponível em: <https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/ainda-assim-nos-levantamos/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

VIEIRA, William David. *Sensibilidade melancólica, uma epistemologia de afronta*. Belo Horizonte, 2024b. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024b. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/68808>. Acesso em: 11 nov. 2024.

William David Vieira – Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG

Doutor em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente do curso de Tecnologia em Cinema e Animação da UEMG. Pesquisador do grupo *Educação, Audiovisual e Narrativas Transmídia*, UEMG/CNPq.

E-mail: williamdavidvieira@gmail.com